

# O FANTÁSTICO VISTO PELA ANTOLOGIA DO CONTO FANTÁSTICO PORTUGUÊS<sup>1</sup>

Jean Carlos Carniel<sup>2</sup>

## RESUMO

A *Antologia do conto fantástico português* é uma publicação pioneira, por compilar cerca de três dezenas de narrativas portuguesas dos séculos XIX e XX. Como paratexto, a primeira edição (Lisboa: Edições Afrodite, 1967) traz uma sucinta nota do editor Fernando Ribeiro de Mello; enquanto a segunda edição (Lisboa: Edições Afrodite, 1974) apresenta uma introdução de Ernesto Manuel de Melo e Castro. Primeiramente, objetiva-se, nesta intervenção, compreender como estes dois autores definem o fantástico e, em seguida, serão problematizadas algumas destas considerações, à luz de referenciais teóricos diversos, como H. P. Lovecraft (2007) e Tzvetan Todorov (2014), citados por Melo e Castro. É objetivo secundário entender algumas das particularidades do conto fantástico no contexto português, principalmente o do século XIX. Para isso, também serão utilizadas as considerações de outros autores, como Massaud Moisés (1985) e João Gaspar Simões (1987). A partir da análise dos textos de Mello (1967) e de Melo e Castro (1974), verifica-se que o primeiro, apesar de considerar amplo seu critério de seleção, enfatiza o insólito, uma tendência que vem sendo valorizada em estudos recentes sobre a literatura fantástica, isto é, a compreensão do fantástico pelo viés do insólito ficcional (GARCÍA, 2012). Por sua vez, Melo e Castro, ainda que tente se alinhar à teoria todoroviana, vai além do postulado do teórico búlgaro e elenca, de forma panorâmica, algumas características do conto fantástico português. Conclui-se, assim, que é preciso admitir a pluralidade da literatura fantástica, de modo a considerar possibilidades de leituras de textos que, muitas vezes, não são contemplados em determinadas teorias.

**Palavras-chave:** Fantástico, Insólito, Conto.

1 O presente trabalho é um recorte do artigo “Em busca de definições: sobre a pluralidade do fantástico”, publicado na *Revista Água Viva*, v. 6, n. 2, 2021 (<https://doi.org/10.26512/aguaviva.v6i2.38272>), e é resultado parcial de um projeto de pesquisa em andamento, financiado pelo CNPq, em nível de Doutorado, orientado pela Prof<sup>a</sup>. Dra. Luciene Marie Pavanelo.

2 Doutorando do PPG-Letras – Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (Ibilce), Câmpus São José do Rio Preto. [jean.carniel@unesp.br](mailto:jean.carniel@unesp.br).

## INTRODUÇÃO

A *Antologia do conto fantástico português* (Lisboa: Edições Afrodite, 1967), organizada e editada por Fernando Ribeiro de Mello, é uma publicação pioneira, por compilar cerca de três dezenas de textos dos séculos XIX e XX. Mello, numa pequena nota que antecede os contos da coletânea, destaca que, em Portugal, o fantástico é um “gênero bem vincado (embora por explorar criticamente)” (MELLO, 1967, n. p.).

Por seu turno, Ernesto Manuel de Melo e Castro, poeta que assina a introdução da segunda edição da obra (Lisboa: Edições Afrodite, 1974), parabeniza o empreendimento de Mello, por reunir não somente autores do século XIX, mas também contemporâneos, cujos textos foram solicitados especialmente para integrar o volume e porque antes disso, “não havia trabalho prévio feito sistemática e criticamente sobre o fantástico na literatura portuguesa, que pudesse servir de base ou orientação” (MELO E CASTRO, 1974, p. xi).

A afirmação de Mello (1967) não só aponta para a presença do fantástico naquele país, mas também evidencia a necessidade de novos estudos sobre essa literatura, ponto de vista compartilhado por Melo e Castro (1974). Tal perspectiva permite questionar o lugar-comum, de que o fantástico não teria tido relativa expressão naquele país, como defendem alguns pesquisadores. Por exemplo, para Massaud Moisés, o fantástico é “pouco ou nada enraizado na tradição, mas que por isso mesmo, atesta o geral esforço por colocar a atividade literária em compasso com o restante da Europa” (MOISÉS, 1985, p. 16). O crítico brasileiro acerta em defender alguma equivalência entre o fantástico português e o europeu, mas, a nosso ver, a afirmação de que esse gênero não seria enraizado na tradição é, no mínimo, questionável, pois, segundo João Gaspar Simões, o fantástico em Portugal aparece “em não poucas manifestações narrativas da tradição oral – lá estão as bruxas, os lobisomens, os magos, as fadas, as princesas, os animais falantes, as mouras encantadas [...]” (SIMÕES, 1987, p. 557-558).

A afirmação de Simões (1987) pode ser um ponto de partida para discussões sobre a delimitação dessa manifestação, pois ele considera como fantásticas as criaturas folclóricas, como lobisomens e fadas, mas se levássemos em consideração as postulações de alguns teóricos, como Todorov (2014), elas pertenceriam ao maravilhoso, pois podem ser aceitas pelos leitores.

Para além das narrativas de tradição oral, Simões (1987, p. 558) menciona a incidência do fantástico no texto setecentista *Obras do diabinho da mão furada*, atribuída a António José da Silva, o Judeu, e trechos de narrativas históricas, como *O monge de Cister* (1848), de Alexandre Herculano, *O Arco de Sant'Ana* (1845-1850), de Almeida Garrett, e *A casa dos fantasmas* (1865), de Rebelo da Silva, concluindo que “o pendor fantástico era de quase permanente uso na nossa ficção” (SIMÕES, 1987, p. 558).

Portanto, parece ser mais adequado reconhecer que o fantástico foi marginalizado pela historiografia literária. Assim, recorreremos às duas primeiras edições da *Antologia do conto fantástico português*, com o objetivo de compreender as escolhas dos organizadores.

## METODOLOGIA

Por meio do método analítico-crítico, buscaremos realizar a interpretação do material selecionado, a saber: a nota do editor, na primeira edição da antologia referida, assinada por Mello (1967), e a introdução feita por Melo e Castro (1974), na segunda edição da referida obra. Partindo de um cotejo entre os dois textos, buscaremos compreender como os dois autores conceituam o fantástico.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ainda que somente especifique as características gerais das narrativas selecionadas, Mello (1967), na “Nota do editor” da primeira edição da *Antologia do conto fantástico português*, afirma que o critério adotado por ele foi amplo e permitiu que fossem incluídos “textos que mergulham numa atmosfera de estranheza e em que se manifesta a irrupção de elementos insólitos ou inexplicáveis” (MELLO, 1967, n. p.). Assim, o editor privilegia, na sua seleção, os elementos insólitos e reúne, além de contos estritamente fantásticos, narrativas “que se inscrevem no domínio da literatura ‘negra’ como as que se colocam sob o signo do maravilhoso, do onírico e do sobrenatural – critério extensível ao âmbito, científico ou paracientífico, da literatura de antecipação” (MELLO, 1967, n. p.).

Em 1974, é republicada a segunda edição da *Antologia do conto fantástico português*. Aponta-se, nas orelhas do livro, que o novo volume almeja estabelecer critérios mais rigorosos para a classificação do fantástico, tendo como referenciais estudos recentes da época e, por isso,

são inseridos novos contos, enquanto outros, que foram publicados na edição anterior, são retirados, pois, na perspectiva do organizador, eles não se encaixam no fantástico propriamente dito, mas no absurdo, no macabro ou “negro”, no metafísico e no inacreditável, considerados sub-gêneros não fantásticos.

Melo e Castro, autor de um conto que foi removido da segunda edição, assina a introdução, de caráter teórico-crítico, da segunda edição da antologia. O autor discute o fantástico, a partir de estudiosos como Lovecraft e Todorov, considerando que o cotejo das postulações desses dois teóricos pode ser um caminho para se comparar as várias definições de literatura fantástica, pois, segundo ele, com essa metodologia, estabelece-se “um leque de concepções que no conjunto nos ajudarão a verificar não só a complexidade do assunto mas também nos auxiliarão a encontrar a nossa própria posição dentro dessa mesma rede de conceitos e ideias” (MELO E CASTRO, 1974, p. xv).

Ao comentar o ensaio *O horror sobrenatural em literatura*, originalmente publicado em 1927, no qual Lovecraft (2007) considera o medo e o horrível duas características primárias do fantástico, Melo e Castro (1974) reconhece a fragilidade de tal definição, pois, segundo o estadunidense, o fantástico dependeria do nível sentimental dos leitores. Todavia, nem todas as narrativas provocam o medo no leitor. Sendo assim, o ensaísta conclui que a “tentativa de caracterização emocional e transcendente, com inclinações psicológicas, de Lovecraft, se nos apresenta hoje como insuficiente do ponto de vista literário” (MELO E CASTRO, 1974, p. xiv).

Por não fornecer insumos suficientes para a leitura dos contos reunidos na antologia, Melo e Castro (1974) recorre à *Introdução à literatura fantástica*, obra seminal de Todorov, publicada em 1970. Para este teórico, o fantástico se dá pela hesitação diante de um acontecimento que não pode ser explicado pelas leis do mundo familiar (cf. TODOROV, 2014, p. 30). De acordo com essa acepção, o fantástico é bem delimitado, pois “dura apenas o tempo de uma hesitação” (TODOROV, 2014, p. 47). Assim, é necessário que o acontecimento não seja explicado até o término do texto; do contrário, ele pode situar-se em outros gêneros, como o estranho ou o maravilhoso. Segundo Todorov (2014, p. 48), no estranho, o acontecimento parece sobrenatural, mas, posteriormente, é explicado racionalmente, não alterando as leis da natureza. Por outro lado, no maravilhoso, o acontecimento recebe novas leis, isto é, há uma aceitação natural do sobrenatural. Por fim, no fantástico, a dúvida deve permanecer após o término da narrativa.

Assim como Todorov (2014), Melo e Castro (1974) também considera o fantástico a partir do contraste com outros gêneros. Todavia, diferentemente do teórico búlgaro, que situa o fantástico entre o maravilhoso e o estranho, o crítico português menciona outros gêneros, como o macabro, o absurdo e o metafísico. Para o autor, o macabro, apesar da forte impressão de horror, não apresentaria transgressão a leis físicas e poderia ter uma explicação realista ou plausível. Igualmente, o absurdo, comumente manifestado na ficção surrealista portuguesa, não seria uma transgressão, mas existiria “em função de uma admitida razão lógica” (MELO E CASTRO, 1974, p. xxiii). Por fim, o metafísico “não é fantástico, por não ser uma transgressão nem precisar de verossimilhança: é uma categoria de conhecimento” (MELO E CASTRO, 1974, p. xxiii).

De acordo com Melo e Castro (1974, p. xiv), os contos ali reunidos são uma amostra considerada como suficiente (mas não completa). O ensaísta vai além dos pressupostos todorovianos e destaca algumas particularidades do fantástico na contística portuguesa:

No caso português [...] impõe-se mais uma definição do fantástico com ênfase no caráter de transgressão das leis físicas ou psicológicas, ou, de um modo geral, das condições tidas como básicas do real quotidiano ou científico. Caráter de transgressão que quase sempre procura ser absoluto e inexplicável, assumindo assim inteiramente o horror ou o maravilhoso, talvez como características de uma extra realidade coabitando conosco ou perfeitamente verossímil perante a realidade sensível imediata e verificável, com a qual colide e que muitas vezes transgride ou altera em momentos únicos e privilegiados (MELO E CASTRO, 1974, p. xvi).

Portanto, segundo Melo e Castro (1974), o fantástico produzido em Portugal seria uma transgressão estranha às normas conhecidas pelo homem; por sua vez, essa ruptura pode ser verossímil. O ensaísta esclarece que, se o agente de transgressão for o mal, haverá efeito de horrível; por outro lado, se for agente do bem, causará efeito de maravilhoso. Para ele, a verossimilhança é uma característica do conto português, pois, nos textos reunidos na coletânea, “os fatos narrados são autênticos e sobre eles não deve haver dúvidas: que sejam estranhos, anormais, inacreditáveis, raros, isso é da sua própria natureza” (MELO E CASTRO, 1974, p. xvi).

O ensaísta implicitamente reconhece que um dos fundamentos da teoria todoroviana não se aplica ao contexto português, isto é, não haveria a hesitação, pois, de acordo com Melo e Castro (1974, p. xvi),

“o conto fantástico português não é ambíguo ou muito raramente o é. E quando o é, é para sutilmente inculcar no leitor a autenticidade e verossimilhança dos fatos acontecidos, não para lhes dar duas soluções ou explicações”.

De acordo com Melo e Castro, a verossimilhança no fantástico português pode ser justificada por três fatores. O primeiro deles seria o passado medieval católico, que admitia a existência de seres de outros mundos, como anjos, santos, diabos, diabretes, que influenciavam “para bem ou para mal a vida real dos homens portugueses” (MELO E CASTRO, 1974, p. xvii). Um exemplo literário seria a novela setecentista *Obras do diabinho da mão furada*, atribuída a António José da Silva, o Judeu. A segunda questão a ser considerada é a expansão marítima de Portugal, que admitia “a interferência de Santos e a realizações de Milagres (transgressão das leis físicas da natureza) como fatos reais e naturais, na explicação de salvamentos em casos de naufrágios” (MELO E CASTRO, 1974, p. xvii). Por fim, o terceiro fator diz respeito aos contos medievais satânicos ou de magia negra. Alexandre Herculano e Jorge de Sena, na visão de Melo e Castro (1974, p. xviii), teriam se aproveitado desse material, para escreverem respectivamente “A dama pé-de-cabra” e “O Físico prodigioso”.

Além disso, na visão do autor, existiriam três significantes para o modelo de fantástico português: a transgressão de leis empíricas ou naturais, a verossimilhança e um conjunto de repertórios como principais agentes de ação. Em relação ao primeiro significativo, Melo e Castro (1974, p. xix) destaca que o modo de transgressão pode ocorrer pela metamorfose, pela mutação temporal, pela ressuscitação, pelo progresso científico, pela magia, pela alteração de percepção e pelos recursos textuais. Além disso, para ele, os agentes de transgressão podem ser o mal (diabo, feiticeiras etc.), o bem (anjo), a loucura e a morte. Assim, o efeito horrível seria gerado pelos agentes do mal, enquanto o efeito maravilhoso, pelos agentes do bem.

Já a verossimilhança, de acordo com Melo e Castro (1974, p. xxii), “consiste em levar o leitor a tomar como possíveis de experimentar empiricamente fatos que o não são, fatos irreais portanto. O verossímil fantástico instaura uma verdade irreal”. Para ele, a avaliação da possibilidade do fato narrado pode ser assegurada por meios textuais, como a descrição, a referência a fatos, datas, pessoas, fontes de informação etc. Um recurso que garante a verossimilhança, muito utilizado pelos contistas portugueses, é o “efeito de recuo”, que consiste em “colocar logo

de início (ou numa altura propícia da narrativa) os fatos narrados numa época suficientemente recuada e distante de modo a que a verificação se torne difícil ou impossível” (MELO E CASTRO, 1974, p. xx).

Por fim, em relação ao repertório, Melo e Castro (1974, p. xxiv) evidencia pares opostos de agentes de ação: água e terra, sombra e luz, ódio e amor, mal e bem, orgia e castidade, devassidão e pureza, erotismo e castidade, perdição e salvação, morte e vida, falso e autêntico, viagem e fixação, sedução e resistência, loucura e normalidade, doença e sanidade, relativo e absoluto, tempestade e bonança, diabo e anjo. Há um tom moralista nessas oposições, pois, como bem assinala o autor, um termo está relacionado ao bem ou à salvação ou ao deslumbramento e o outro, ao mal ou à condenação.

Com a exposição da introdução assinada por Melo e Castro (1974), percebe-se que o fantástico português não se encaixa estritamente na concepção todoroviana. Por isso, é necessário mobilizar outras teorias que forneçam insumos suficientes para a compreensão dessa literatura.

De acordo com Flavio García (2012, p. 14), o termo “insólito” consta em teorias do maravilhoso, do fantástico genológico, do fantástico modal, do estranho todoroviano e estranho freudiano, do realismo mágico, do realismo maravilhoso, do realismo animista, do absurdo e do sobrenatural. Por sua vez, o “insólito ficcional” corresponde a um conjunto de gêneros diversos em que há um evento insólito. Segundo García (2012), o insólito ficcional pode ser compreendido como um “macro-gênero”, o qual englobaria diferentes gêneros ou subgêneros, “a partir da irrupção do insólito comum a todos eles” (GARCÍA, 2012, p. 15).

Ao discutir sobre a importância do insólito ficcional, García afirma que o papel do crítico literário é “recorrer a mananciais teóricos, pré-existentes, pré-formulados, já correntes” (GARCÍA, 2012, p. 13). Tal afirmação, a nosso ver, partilha da mesma preocupação de Melo e Castro (1974), que é confrontar e aproveitar as teorias, como a de Todorov, para um melhor aproveitamento delas. Nas palavras de García, a necessidade de entender o fantástico pelo viés do insólito ficcional advém da importância de “atualizar os conceitos e modelos de leitura, a fim de não preceituar velhos preconceitos e ditar normas insuperavelmente ultrapassadas, uma vez que, como organismo vivo, a ficção [...] transforma-se junto com a sociedade de que é produto e produtora” (GARCÍA, 2012, p. 26-27).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se concluir, a partir do cotejo entre as duas primeiras edições da *Antologia do conto fantástico português*, que, apesar de Mello (1967) considerar amplo o seu critério de seleção, ele contempla a complexidade do fantástico, pois reconhece uma proximidade entre ele e outras manifestações, como a literatura “negra”, o maravilhoso, o onírico e o sobrenatural. O editor também enfatiza que os textos ali reunidos manifestam elementos insólitos ou inexplicáveis e, de certa forma, essa observação antecipa uma tendência que vem sendo defendida em estudos recentes sobre a literatura fantástica, isto é, a compreensão do fantástico pelo viés do insólito ficcional. Assim, o editor amplia as possibilidades de leitura e mostra a complexidade de se definir narrativas que, muitas vezes, não são contempladas em determinadas teorias.

Por seu turno, o ensejo de buscar critérios mais rígidos na definição de fantástico, que leva à reformulação da *Antologia do conto fantástico português*, é uma tentativa de se alinhar à teoria todoroviana, publicada pouco tempo depois da primeira edição da antologia de Mello. Assim, a introdução de Melo e Castro (1974) é motivo de destaque, não só por discutir alguns postulados recentemente publicados na época, mas principalmente por trazer um panorama do fantástico no contexto português, que permitiu mapear algumas de suas características.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à Prof<sup>a</sup> Dra. Luciene Marie Pavanelo, orientadora do trabalho, pelo apoio e incentivo. Ao CNPq, pela concessão de bolsa de estudo.

## REFERÊNCIAS

GARCÍA, Flavio. Quando a manifestação do insólito importa para a crítica literária. In: GARCÍA, Flavio; BATALHA, Maria Cristina (Orgs). **Vertentes teóricas e ficcionais do insólito**. Rio de Janeiro: Editora Caetés, 2012. p. 13-29.

LOVECRAFT, Howard Phillips. **O horror sobrenatural em literatura**. Tradução de Celso M. Paciornik. São Paulo: Iluminuras, 2007.

MELLO, Fernando Ribeiro de (Org.). **Antologia do conto fantástico português**. Lisboa: Afrodite, 1967.



\_\_\_\_\_. (Org.). **Antologia do conto fantástico português**. 2. ed. Revisão, notas e introdução de Ernesto Manuel de Melo e Castro. Lisboa: Afrodite, 1974.

\_\_\_\_\_. Nota do editor. *In*: MELLO, Fernando Ribeiro de (Org.). **Antologia do conto fantástico português**. Lisboa: Afrodite, 1967.

MELO E CASTRO, Ernesto Manuel de. Introdução. *In*: MELLO, Fernando Ribeiro de (Org.). **Antologia do conto fantástico português**. Lisboa: Afrodite, 1974. p. xi-xxvii.

MOISÉS, Massaud. **O conto português**. São Paulo: Cultrix, 1985.

SIMÕES, João Gaspar. **Perspectiva histórica da ficção portuguesa**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1987.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. Tradução de Maria Clara Correa Castello. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.